

APRESENTAÇÃO

Já há algum tempo, na Itália e fora dela, Pier Paolo Pasolini vem sendo reconhecido como um pensador do mundo contemporâneo, tornando menos importantes as compartimentações – em linguagens, gêneros ou fases – pelas quais sua obra e suas atividades vinham sendo apresentadas. É o que se detecta em livros como o de Didi-Huberman, *Sobrevivência dos vaga-lumes* (Editora UFMG, 2011); ou, antes, em *Il pensiero meridiano* [*O pensamento meridiano*], de Franco Cassano (Laterza, 1996); ou ainda nos mais recentes *Effetto Italian Thought* [*Efeito Italian Thought*], organizado por E. Lisciani-Petrini e G. Struniello (Quodlibet, 2017) e *Decostruzione o biopolitica?* [*Desconstrução ou biopolítica?*], coletânea reunida por Elettra Stimilli (Quodlibet, 2017).

O que parece prevalecer nessa outra configuração de sentidos a partir de sua obra e de sua vida é a centralidade da figura de intelectual público de Pasolini, e nela a dimensão alcançada pela sua *crítica*. Essa centralidade é desde sempre reconhecida pelo próprio intelectual, que em uma passagem anotou:

É verdade que meu primeiro livro [...] foi um livro de poesia. E é verdade também que comeci a escrever poesia aos sete anos, no segundo ano do primeiro grau [...] mas, sabe-se lá por que, quando penso indistintamente no começo da minha carreira literária, me vejo como alguém “proveniente da crítica”. Talvez porque nos albores dos anos 40, justamente meu maior entusiasmo – que era além do mais poético – era dedicado aos estudos de filologia românica e à história da arte [...]. O próprio fato de os primeiros versos publicados (e até hoje não repudiados), versos dos 18 anos, serem em friulano

demonstra que a minha operação poética se dava sob o signo de uma inspiração fortemente crítica, intelectual.¹

O dossiê “Pasolini e a crítica”, que compõe este número da *Remate de Males*, reúne um conjunto de textos escritos por pesquisadores brasileiros e italianos cujo interesse central está justamente na sondagem das múltiplas modalidades da *crítica* exercida por Pasolini e tem como desdobramento natural as implicações mútuas entre os temas *crítica*, *crise* e *intelectual* na contemporaneidade.

O texto que abre o dossiê, “Descrição e destruição”, foi escrito por Marco Bazzocchi, professor da Universidade de Bolonha e um dos mais importantes e reconhecidos pesquisadores acerca de temas relacionados a Pasolini. No seu artigo, interroga-se a importância da psicanálise e da sexualidade na caracterização da crítica pasoliniana em sua versão mais heterodoxa e radical, aquela configurada no livro *Descrizioni di descrizioni* (1975), mas projetável sobre outras obras, como o filme *Salò* e o livro *Petrolio*. Em “Música e sons segundo Pasolini”, a pesquisadora Cláudia Calabrese traz os resultados de sua tese de doutoramento na Universidade de Roma. Seu artigo investiga a importância da paisagem sonora para uma compreensão outra da produção literária e cinematográfica de Pasolini a partir de reflexões e poemas escritos principalmente nas primeiras décadas de vida do poeta, além das trilhas sonoras dos anos 1960, com o intuito de explorar o desejo pasoliniano de ser um “escritor de música”.

Em “A crítica radical de Pasolini: a voz e o caos”, Maria Betânia Amoroso, partindo de comentários de Leonardo Sciascia e de Piergiorgio Bellocchio sobre os lugares-comuns já acumulados e cristalizados quando se trata de Pasolini, propõe-se a explorar os sentidos que os sons – a voz humana em particular e as acepções abertas pelo estudo de Adriana Cavarero (2011) – podem ter no pensamento crítico e político pasoliniano. O artigo escrito por Vinícius Nicastro Honesko, “Das tragédias à *crítica*: momentos de *crise*”, tem como centro a figura do intelectual público no mundo contemporâneo, a partir da reflexão sobre o tema na ficção de Roberto Bolaño e na filosofia de Nietzsche. Tal escolha permite ao autor não só identificar o intelectual que é parte integrante e conservadora do *status quo*, como também apontar para a sobrevivência dessa função pública em Pasolini, mesmo em tempos como o contemporâneo, o agora,

¹ PASOLINI, Pier Paolo. *Saggi sulla letteratura e sull'arte*. A cura di Walter Siti e Silvia De Laude. Milano: Arnoldo Mondadori, 1999, p. 2.768. Tradução de Maria Betânia Amoroso.

o tempo da *suspensão*. Com interesses semelhantes, Manoel Ricardo de Lima, em “Estado de graça”, encontra na constatação pasoliniana sobre ser a burguesia italiana não uma classe, mas uma doença, o ponto de largada de seu artigo. As reflexões sobre classe de Walter Benjamin, comentadas por Andrea Cavaletti, mostram-se muito próximas às de Pasolini e permitem ao autor refazer as formulações de Christopher Domínguez Michael sobre o pensamento crítico de Pasolini. No artigo “Cinzas de Pasolini: a homenagem de Nanni Moretti em *Caro diário*”, Alex Calheiros propõe a inusitada e rica aproximação entre o conhecido poema de Pasolini, *Cinzas de Gramsci* (1957), e um dos episódios do filme *Caro diário* (1993), de Nanni Moretti, justamente aquele no qual em uma Vespa, o diretor-ator faz uma espécie de peregrinação ao local onde Pasolini foi assassinado, na periferia de Roma. Mais uma vez, trata-se de uma reflexão perpassada pelas questões históricas e políticas que envolvem a função do intelectual na vida social italiana. O artigo “O discurso crítico de Pasolini e Fortini nas páginas de jornais”, de Cláudia Tavares Alves, dedica-se a pensar a interlocução estabelecida entre Pasolini e Franco Fortini pelas páginas dos jornais italianos ao longo dos anos 1960 e 1970, destacando os tensionamentos críticos causados pelas respectivas atuações públicas dos dois intelectuais. No artigo de Davi Pessoa, “Paixão e filologia”, o autor continua suas investigações sobre as relações entre linguagem e crítica ao longo de toda a vida de Pasolini, inspirado de modo especial pelas reflexões de Giorgio Agamben a respeito do uso do dialeto friulano pelo poeta italiano.

Expandindo o leque dos temas e insistindo na amplitude da atuação de Pasolini, três artigos trazem para o dossiê seus comentários sobre urbanismo, história da arte e cinema. Em “Pasolini e a forma da cidade: uma crítica de arquitetura potente e atual”, Pascoal Farinaccio aponta para as afinidades estéticas e ideológicas entre os elementos fundamentais da crítica à arquitetura das cidades de Pasolini e as reflexões atuais do filósofo e arquiteto italiano Roberto Perigalli. Já Roan Costa Cordeiro, em “Pier Paolo Pasolini e as linguagens do real: crítica pictórica n’*Os afrescos de Piero em Arezzo*”, assume as relações entre realidade e linguagem em Pasolini como o que lhe permitiu se expressar de modos variados, ressaltando tanto o vínculo criativo e crítico entre os versos – traduzidos no artigo – e a obra pictórica de Piero della Francesca, como também a importância das ideias de Roberto Longhi nesse percurso. Em “Pasolini e imaginação crítica: nem cinema de prosa, nem de poesia”, Júlia Studart

mobiliza o famoso ensaio “Cinema de prosa, cinema de poesia”, escrito em 1964, além de contribuições de Jean-Luc Godard e Allen Ginsberg, entre outras, para analisar a dissolução das formas fixas pela perspectiva da *imaginação crítica* pasoliniana.

Alguns ecos importantes de Pasolini no Brasil fecham o dossiê. No artigo “O coração lacerado: a poesia brasileira em direção a Pasolini”, Gustavo Silveira Ribeiro destaca a relação entre poesia e política ao identificar rastros da presença de Pasolini na poesia brasileira mais contemporânea, em especial entre os poetas Ricardo Domeneck e Carlito Azevedo. Juntam-se ao dossiê, na seção Depoimentos, José Fernando Peixoto de Azevedo e Bernardo Carvalho, com duas leituras vigorosas de *Escritos corsários* (Trad. Maria Betânia Amoroso, Editora 34, 2020).

Neste número, a *Remate de Males* traz ainda sete outros artigos. No texto “A experiência ficcionalizada em *Das Leben Geht Weiter*, de Hans Keilson. Uma leitura da República de Weimar”, Patricia Helena Baialuna de Andrade analisa esse romance, publicado no trágico ano de 1933. Nesse período da vida literária alemã prevalecia a chamada Nova Objetividade, que defendia uma prática documental e politizante. Ivan Delmanto, em “Identidade transitória: a teoria teatral negativa de Jorge Luis Borges”, investiga a possível existência, nos escritos do escritor argentino sobre a obra de Shakespeare, de uma teoria teatral negativa e tal teoria estaria em grau de sugerir uma “estética teatral alternativa ao drama burguês”. Jefferson Mello, por sua vez, no ensaio intitulado “Os estudos literários brasileiros nos anos 1970 e o lugar da teoria no trabalho de Luiz Costa Lima”, ressalta a presença das teorias estruturalistas no trabalho desse professor e pensador da literatura, observando como tais ideias estão conectadas às instancias institucionais, teóricas e políticas daquele período. A partir de sua obra *Estruturalismo e teoria da literatura* (1973), Costa Lima reflete sobre o ambiente intelectual e especificamente literário, a partir de então marcado pela prática acadêmica. No ensaio intitulado “Palhaços mortos, poetas e outros párias”, Francine Ricieri tem como foco o artigo de Gonzaga Duque, “Morte do palhaço”, publicado em 1907 na revista fluminense *Kosmos*. Tal artigo sugere a existência de um “certo imbricamento entre o que seria da ordem do prosaico e o que seria da ordem do poético”, detectável naquele início de século. Haveria então canais comunicantes entre um ideal de escrita “alto” e seu oposto. Em “Hierarquia e adulação em Antônio Vieira”, Jean Pierre Chauvin investiga em chave retórica, a partir principalmente do *Sermão da primeira sexta-feira da Quaresma*, a

construção do *ethos* virtuoso desse grande autor barroco. Leandro Pasini, em “A mediação local – Antonio Candido e a teoria literária do modernismo brasileiro”, considera que, embora seja amplamente conhecida a relação do grande crítico com essa corrente literária, o significado mais profundo da relação, no plano da teoria literária, continua em aberto. O ensaísta busca estudar então como, para além da vinculação de Antonio Candido a esse movimento e mediado pela personalidade intelectual de Mario de Andrade, ele estabeleceu um “núcleo crítico e teórico” estendido a partir do próprio núcleo estético do modernismo. Pasini investiga, portanto, a ideia de *formação*, central no pensamento de Candido, como “resultado de uma depuração de seu comprometimento e estudo do modernismo”, o que sem dúvida traz novas questões para os estudos dessa corrente estética. O volume encerra-se com o conto “Os hóspedes” de Hisham Matar, apresentado e traduzido por Eduardo Ferraz Felipe.

Carlos Eduardo Berriel (Unicamp)

Fábio Durão (Unicamp)

Dossiê: Cláudia Tavares Alves (Unicamp)

Maria Betânia Amoroso (Unicamp)

Recebido: 13/8/2020

Aceito: 19/8/2020

Publicado: 12/11/2020